



Secretaría General  
Iberoamericana  
Secretaria-Geral  
Ibero-Americana



**FLACSO**  
Secretaría General



MINISTERIO  
DE ASUNTOS EXTERIORES  
Y DE COOPERACIÓN



**aecid**

# El papel político, económico, social y cultural de la comunidad iberoamericana en un nuevo contexto mundial

## Aportes de un debate en curso

Adrián Bonilla  
María Salvadora Ortiz  
(Compiladores)



**XXIII CUMBRE  
IBEROAMERICANA**  
PANAMÁ 2013



**BANCO DE DESARROLLO  
DE AMÉRICA LATINA**

327

P214p El Papel político, económico, social y cultural de la comunidad Iberoamericana en un nuevo contexto mundial : aportes de un debate en curso / Adrián Bonilla, comp. ; María Salvadora Ortiz, comp. – 1ª. ed. – San José, C.R. : FLACSO, 2013.  
305 p. ; 21 x 15 cm.

ISBN 978-9977-68-260-0

1.Comunidad Iberoamericana. 2. América Latina – Relaciones exteriores. 3. América Latina – Relaciones internacionales. 4. Política económica. 5. Política social. I. Bonilla, Adrián, comp. II. Ortiz, María Salvadora, comp. III.Título

### **Créditos**

Transcripción, corrección filológica y de estilo: Rodrigo Soto.

Colaboradora en la edición: Mercedes Vázquez Bello, Consultora PNUD-SEGIB.

Impreso en San José, Costa Rica

por Perspectiva Digital S.A.

Julio 2013.

## ÍNDICE

### **PALABRAS DE BIENVENIDA**

*Enrique V. Iglesias* ..... 7

### **LOS RETOS ESTRUCTURALES DE AMÉRICA LATINA**

*Adrián Bonilla*..... 11

### **INTRODUCCIÓN**

*María Salvadora Ortiz* ..... 17

### **LAS CUMBRES IBEROAMERICANAS FRENTE A UN MUNDO GLOBALIZADO E INTERDEPENDIENTE**

*Fernando Núñez Fábrega* ..... 21

## **PARTE I.**

### **LA COMUNIDAD IBEROAMERICANA Y EL NUEVO CONTEXTO INTERNACIONAL**

#### **CAPITULO I:**

#### **El papel político de la Comunidad Iberoamericana en un nuevo contexto mundial**

Nuevo contexto global y nuevo mapa político latinoamericano

*Francisco Rojas Aravena* ..... 27

Reinvención iberoamericana

*Federico Reyes-Heroles*..... 45

La Comunidad Iberoamericana como bloque de incidencia en los organismos  
multilaterales y ante instancias regionales

*Nicolás Ardito Barletta* ..... 53

Una apuesta por el multilateralismo

*Jorge Taiana*..... 63

Repensar el sentido de lo iberoamericano

*Antonio Romero Gómez*..... 69

Iberoamérica y la triangulación entre Europa y Asia

*Guillermo Mariscal Anaya* ..... 77

## **CAPITULO II:**

### **El papel social de la Comunidad Iberoamericana en un nuevo contexto mundial**

Invitación al debate <i>Enrique V. Iglesias</i> .....	83
El ascenso del sur <i>Rebeca Grynspan</i> .....	85
Un potencial desconocido e incalculable <i>Eduardo Stein</i> .....	95
El papel social de la Comunidad Iberoamericana en un nuevo contexto mundial <i>Hernando Gómez Buendía</i> .....	101
La juventud, oportunidad y desafío <i>Marcela Suazo</i> .....	115
El debate sobre las clases medias (comentarios) <i>Francisco Rojas Aravena</i> .....	125

## **CAPITULO III:**

### **El papel económico de la Comunidad Iberoamericana en un nuevo contexto mundial**

Diez años de crecimiento en América Latina <i>Rafael Pampillón Olmedo</i> .....	133
Un diagnóstico y una propuesta de cooperación económica para la Comunidad Iberoamericana <i>José Antonio Ocampo</i> .....	137
Los costos de la burocracia <i>Alberto Alemán Zubieta</i> .....	147
Una agenda de competitividad para América Latina <i>Javier Quintana Navio</i> .....	151
El espacio iberoamericano y la libre movilidad de las personas <i>Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari</i> .....	157

## **CAPITULO IV:**

### **El papel cultural de la Comunidad Iberoamericana en un nuevo contexto mundial**

Invitación a un debate <i>Eduardo Nivón</i> .....	163
El espacio cultural iberoamericano <i>Jesús Prieto de Pedro</i> .....	165
Para una cultura iberoamericana <i>Juca Ferreira</i> .....	177
La cultura como dimensión de la política <i>Mónica Guariglio</i> .....	183
<b>CONCLUSIONES</b> <i>Enrique V. Iglesias</i> .....	191

## **PARTE II.**

### **LAS RELACIONES UNIÓN EUROPEA- AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE A LA LUZ DE LA I CUMBRE UE-CELAC**

Las relaciones Unión Europa- América Latina y el Caribe en el marco de la reciente I Cumbre UE-CELAC: Aportes desde la FLACSO <i>Isabel Álvarez Echandi</i> .....	197
La Cooperación entre la Unión Europea y América Latina 2007-2013 y los desafíos de la Programación de cooperación 2014-2020 <i>Ricardo Herrera</i> .....	201
Relaciones económicas entre América Latina y el Caribe y la Unión Europea: situación y desafíos <i>José Durán Lima y Roberto Urmeneta</i> .....	235
Migraciones entre América Latina y la Unión Europea. Transformaciones socioeconómicas y políticas migratorias en el contexto de recepción <i>Sandra Gil Araujo</i> .....	265
<b>RELACIÓN DE AUTORES</b> .....	291

## PARA UMA CULTURA IBEROAMERICANA

Juca Ferreira<sup>64</sup>

O mundo inteiro, nesta primeira década do século XXI, está marcado pela crise econômica dos países desenvolvidos, com impactos importantes nos EEUU e Europa principalmente nos países do Sul deste continente (Espanha, Portugal, Grécia). E, os dados da economia global vêm sinalizando a possibilidade de que venha a atingir outras regiões do mundo. A economia da América Latina dá sinais de que pode ser atingida e vir a diminuir o ritmo do seu crescimento ou mesmo vir a ter impactos maiores.

Esta crise, que ainda pode se agravar e deve durar um bom tempo, está exigindo dos líderes mundiais medidas conjuntas urgentes. Os que estão sendo duramente penalizados precisam encontrar respostas efetivas para a queda da atividade econômica e para o desemprego e os países que ainda não foram atingidos significativamente precisam enfrentar as debilidades internas de suas economias para, preventivamente, poderem proteger seus cidadãos e cidadãs.

A crise atual inevitavelmente significará reconfigurações geopolíticas e econômicas e, neste contexto, pode vir a ser uma oportunidade para os países e regiões que forem capazes de tomar as medidas acertadas frente á crise e que venham a enfrentar e superar as debilidades estruturais das suas economias. A dificuldade é que se trata de uma crise internacional e os limites de um enfrentamento nacional ou mesmo regional é muito evidente.

Este conjuntura é propícia para o fortalecimento e para o desenvolvimento de uma nova cooperação internacional e regional. É preciso olhar para frente e, além de enfrentar os efeitos da crise econômica internacional, é preciso preparar as condições para uma nova etapa de desenvolvimento.

Para dar continuidade e perenidade ao atual ciclo de desenvolvimento, os países ibero- americanos terão que adotar, no plano interno e conjuntamente, estratégias consistentes que possibilitem o desenvolvimento sustentável, com ênfase especial no desenvolvimento cultural e tecnológico, na inclusão social e na sustentabilidade ambiental.

64 Ex-ministro da Cultura do Brasil – Atual Secretário da Cultura do Município de São Paulo.

A América Latina, nos últimos anos, está vivendo um momento excepcional de progresso material, de afirmação de suas democracias e inclusão social de milhões de cidadãos e cidadãs. São significativos os números da inclusão no mercado consumidor de populações até então marginalizadas em todo o continente.

A crise internacional, porém, se apresenta como um espectro que ronda e ameaça esta conjuntura positiva. As economias da região, em muito baseadas na exportação de comodites agrícolas e minerais, terão um caminho a percorrer até desenvolverem outras economias com alto valor agregado e sem dependerem tanto de exportação.

Este bom momento da América Latina se manifesta também na Cultura. As demandas sociais estão ficando mais complexas e sofisticadas. As pessoas começam a perceber que não se trata apenas de aumentar o poder aquisitivo. É preciso ter acesso a um mundo até então inacessível à boa parte dos latino-americanos, que vivem no estrito reino da necessidade. O acesso pleno à Cultura emerge como demanda social e tem o significado central para essa consolidação do desenvolvimento sustentável.

A Cultura é uma necessidade básica, tão importante quanto as demais necessidades básicas. Uma necessidade básica para a plena realização da condição humana. A Cultura, em seu sentido mais amplo, é um direito de todos os cidadãos e de todas as cidadãs ibero-americanas. A Cultura também possibilita a coesão social, e é ela que constrói a identidade em meio à diversidade, e marca o diferencial de cada povo, de cada região em um mundo globalizado. A qualidade do desenvolvimento que se conquista depende dos valores que lhe dão significado. O desenvolvimento de uma sociedade humana é expressão de sua Cultura.

Chegou a hora, em toda a Ibero-América, de tomarmos uma importante decisão política. É preciso garantir educação de qualidade e acesso pleno à Cultura disponível a todos; só assim teremos condições de enfrentar os grandes desafios do desenvolvimento econômico, social e político do século XXI.

Nos últimos anos avançamos muito, em muitos dos nossos países, dos dois lados do Atlântico, em matéria de políticas públicas de cultura e,

em alguns deles, estamos prestes a incorporar a Cultura como uma responsabilidade de Estado e não apenas de governo. Estamos conquistando este tratamento para a Cultura como consequência natural da compreensão de que se trata de uma dimensão central da condição humana, de uma necessidade básica de todo ser humano, como um direito individual e coletivo e como uma dimensão básica e estratégica do desenvolvimento e de toda a vida social.

Não podemos pensar em desenvolvimento sustentável, em uma economia moderna, em sociedade do conhecimento, incremento tecnológico, no bem estar e na qualidade de vida das nossas populações sem esses dois componentes: educação de qualidade ao acesso de todos e acesso pleno à Cultura.

Por isso, os Estados democráticos em toda a Ibero-América necessitam incorporar o direito e o acesso à Cultura como parte dos projetos de desenvolvimento, e, através de políticas públicas, apoiar a criatividade, universalizar o acesso à Arte e à Cultura e criar instrumentos capazes de desenvolver as cadeias produtivas das artes e da cultura em geral para termos uma economia cultural forte. A atual discussão pública sobre a política cultural e seus mecanismos de financiamento que perpassa os países ibero-americanos dos dois lados do Atlântico, vem dando uma importante contribuição para definir as grandes metas das políticas culturais e uma base consensual necessária para continuarmos avançando na construção dessas políticas públicas de cultura.

O sonho do Espaço Cultural Ibero Americano e do Mercado Comum Ibero Americano está na ordem dia. Temos um caminho a percorrer, e parece que chegou a hora de torná-lo realidade e de criar os mecanismos comuns para implementá-los. O projeto de nação e de desenvolvimento de cada um dos nossos países terá que incorporar os investimentos necessários para garantir o pleno acesso de todos à Cultura em geral e às artes, independente da região e do poder aquisitivo de cada um. Para isso, é preciso que a sociedade dos nossos países garanta liberdade absoluta de expressão para os criadores, livre circulação das ideias e dos bens culturais e respeito às expressões críticas. Também, é preciso investir em uma estrutura regional que garanta a produção, a circulação e o consumo cultural disponível para todos os ibero-americanos.

A economia da Cultura está em franca expansão em todo o planeta e já é uma das economias mais globalizadas neste início do século XXI e responsável por uma parcela considerável do PIB mundial. Uma economia com alta capacidade de agregação de valor, de sustentabilidade ambiental e socialmente mais inclusivo.

Não podemos nos esquecer de que o mundo inteiro vive uma revolução tecnológica, gerando uma economia baseada em conteúdos, com alto grau de desmaterialização, decisiva para a formatação da cartografia econômica e política do futuro. Há uma percepção cada vez mais forte de que, quem não se preparar para esta nova realidade emergente no século XXI, ficará reduzido a mero consumidor de conteúdos culturais produzidos em outros contextos, com várias e graves consequências políticas, sociais, culturais e econômicas.

A informatização vem possibilitando o crescimento vertiginoso das indústrias culturais e interferindo nos diversos contextos de produção da subjetividade em todo o planeta. Modificam nossa visão de tempo e de espaço, a natureza das cidades, e a relação entre culturas. A produção da subjetividade em escala mundial vem se tornando cada dia mais complexa. Em lugar das identidades locais fixas, que vão sendo pulverizadas no contexto da mundialização, temos novas e múltiplas identidades, globalizadas e flexíveis. São signos, informações e formas culturais vindas de todas as partes do planeta ao mesmo tempo. Não se pode pensar no desenvolvimento cultural e na sua economia à margem desse fenômeno.

Desde 1996, os produtos culturais (filmes, música, programas de televisão, livros, revistas e softwares para computadores) tornaram-se na maior pauta de exportações dos Estados Unidos, ultrapassando todas as demais indústrias “tradicionais” (incluindo automóveis, agricultura e a indústria aeroespacial e de defesa).

A Cultura é o segundo setor exportador da Inglaterra; e responde em média por cerca de 5% do PIB dos países desenvolvidos. Suas atividades ocupam aproximadamente 4% da força de trabalho nos EUA, 5% na França, 17% na África do Sul.

Temos no Ibero-América condições e possibilidades de termos nesta economia um dos eixos centrais do nosso desenvolvimento e para a

produção de riqueza e ocupação. Isto demanda visão estratégica e investimentos.

Exportar commodities e recursos naturais não basta. Já sabemos. Precisamos avançar na direção das economias com alto valor agregado. E, uma das mais importantes, sem dúvida, aponta para a economia cultural.

Observe-se, que não estamos falando de uma economia qualquer, reductível aos padrões de análise e comportamento da economia convencional, mas sim de uma economia desenvolvida em interação profunda com todas as dimensões da condição humana e da vida em sociedade, a tal ponto que praticamente nada que seja humano pode ser considerada uma externalidade; Este é um entendimento não economicista de uma economia que se realiza em contextos de sutis interações entre preservação e liberdade de criação, memória e inovação, modos de apropriação e acesso.

Nesta nova fase da economia mundial, da chamada “economia das ideias” ou “economia do conhecimento”, o que está - e estará - cada vez mais no centro das disputas competitivas são conteúdos, ideias, conceitos e valores, e não meramente os produtos tangíveis como tradicionalmente os conhecemos.

No atual momento de nossa história mundial estamos passando por um processo de contra fluxo na dinâmica que vem do pós-guerra e esta crise nos permite sonhar com uma globalização mais descentralizada e policêntrica.

É claro que nós mesmos somos parte do problema e da solução, e a força inercial de nossas mentalidades e de nossos modelos de negócios no campo da cultura e da sua economia, nossos estabelecimentos, instituições e funcionamentos em nossos territórios, ainda mantém as barreiras para essa criação de ambientes culturais diversificados, vitalizados e contemporâneos.

E detectamos isso no como, em muitos de nossos países, ainda não conseguirmos reconhecer o poder de nossas formações cosmológicas e estéticas vinculadas aos habitantes que aqui viviam antes da chegada dos conquistadores europeus.

Como não conseguimos valorizar devidamente a contribuição africana para a nossa Cultura e para a nossa identidade, nem o que emergiu como cultura mestiça, produto dessa diversidade em constante interação. Mas mesmo com essas barreiras, as nossas populações indígenas, negras, de origem europeia e mestiça estão hoje se afirmando no espaço sociocultural e ganhando visibilidade nesse novo ambiente globalizado.

Acontece que o fortalecimento desse universo simbólico comum é algo que não ocorrerá pela ação apenas dos indivíduos, dos artistas e criadores e por sua livre iniciativa. Creio que ela dependa em alguma medida de nosso esforço institucional, empenho de cada um de nossos países e das organizações intergovernamentais, para estruturar as condições que permitam um intercâmbio de altíssimo valor simbólico, de força estética e força econômica para que o espaço cultural ibero americano possa afirmar-se na contemporaneidade internacional.

Acredito que nossos governos devem apostar na democratização daquilo que há de mais sofisticado e ao mesmo tempo, garantir que o valor que se oculta sobre a sofisticação pura e simples ganhe sua dimensão viva como momento de inteligência de toda a região ibero americana. Nada mais forte do que a arte e a Cultura para produzir esses vínculos sociais duráveis entre nossos territórios e populações. E creio que precisamos criar espaços de interação estética e de disseminação de valores cada vez mais consistentes nesse território considerando nossa diversidade e nossa riqueza cultural para que o desejo de convivência e convergência ganhe seus contornos de realidade.